

**MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA**

**CLASSE DE LETRAS**

---

**Amália, sem sucessores?**

ANTÓNIO VALDEMAR

---



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA**

LISBOA • 2025

*Título: Amália, sem sucessores?*

*Edição: Academia das Ciências de Lisboa*

*Data de edição: 2025*

*DOI:*

# AMÁLIA, SEM SUCESSORES?

ANTÓNIO VALDEMAR

A advertência de Eduardo Lourenço ao considerar que Amália “morreu no seu século e não passou desfigurada para um tempo que não era o seu”.

O Fado na sua conceção intemporal, na sua expressão literária ou nas derivas populares associadas à realidade social e cultural tem sido, nos séculos XIX e XX, objeto de estudos eruditos, de ensaios críticos ou de obras de criação literária da autoria de muitas personalidades ligadas à Academia das Ciências. Os exemplos multiplicam-se até chegarmos a Amália Rodrigues.

Procuramos sintetizar, numa retrospectiva sumária, subordinada ao tema *Amália, a Academia e Académicos* os seguintes autores e respetivas obras: Teófilo Braga, em 1868, numa interpretação das raízes do povo português (que antecedeu investigações antropológicas e etnográficas de José Leite de Vasconcelos) deu honras de transcrição integral dos versos recolhidos na tradição oral («...Chorai *artistas chorai*...») que lamentam a morte da Severa. Henrique Lopes de Mendonça enalteceu o Fado e o introduziu (com a música de Alfredo Keil) nas estrofes de *A Portuguesa* que a Constituição da República, em 1911, transformou no *Hino Nacional*. Eça de Queiroz situou Lisboa na génese da invenção do Fado, enquanto Teixeira de Pascoais se pronunciou acerca das modalidades do Fado em várias localidades geográficas. Continua a emocionar a exaltação que Pascoais fez de Hilário em Coimbra.

Logo no início do século XX, Júlio Dantas escreveu *A Severa*. Foi a reconstrução para o teatro (e depois para um romance) tal como o próprio Júlio Dantas assim caracterizou: da vida de “uma flor pura, desabrochada na lama”, que se evidenciou a cantar o Fado, na Mouraria. “Tinha o orgulho de não ter um ódio de ninguém, de ser feliz com a sua liberdade, o seu Fado, o seu amor ao Sol”.

“*A Severa*” — prosseguiu — “era uma linda figura de rapariga, ousada e forte, o cabelo negro derrubado em bandós, a saia de ganga restolhando vitoriosamente, com o ar glorioso das criaturas que conhecem de perto os triunfos”.

(...) “Bastava vê-la e ouvi-la para irradiar forte perturbação” (...) “Era, ainda nervosa e rápida, agitada, de vez em quando, de estremeções violentos, os pendentes de oiro a luzir-lhe nas orelhas, os cabelos em tumulto a cada acento inquieta, e a chinela pespontada de branco, miúda e linda, a dançar-lhe na ponta do pé”.

E acrescentou Júlio Dantas: “em cada momento diferente de si própria, e em cuja voz, ora doce, ora selvagem, ora branda como um cicio, ora dolorosa como um uivo, passavam todas as gamas, todos os tons, a macieza húmida do veludo, o tinido musical dos metais, os gorjeios, os soluços, os gemidos, as tempestades”.

Naturalmente, seduziu e apaixonou “fidalgos turbulentos que corriam a súcia à força de murro e venciam a vida à força de alegria”. Estreada, em 1901, Ângela Pinto foi a primeira protagonista da *Severa*. Em 1955, no Teatro Monumental, Amália Rodrigues foi a última protagonista que a representou. A *Severa*, durante mais de meio século, arrebatou plateias de teatros de todo o país, com lotações esgotadas, e ficou a ser uma das peças de Júlio Dantas de maior audiência.

Fernando Pessoa, ao depor num inquérito, no período em que escrevia os últimos poemas da *Mensagem*, definiu o Fado antes dos organismos oficiais que o elevaram a “canção nacional”. “O Fado” — salientou Fernando Pessoa — “não é alegre nem triste. Formou-o a alma portuguesa, quando existia e desejava tudo sem ter força para o desejar”. António Ferro, um dos fundadores com Fernando Pessoa da revista *Orpheu* — e o único elemento deste grupo que ingressou na Academia das Ciências —, ao desempenhar funções, nas décadas de 40 e 50, à frente do Secretariado da Propaganda Nacional (mais tarde o SNI, que o 25 de Abril extinguiu) fez a reabilitação institucional do Fado e promoveu a carreira nacional e internacional de Amália.

A saudade — uma das componentes no Fado e da identidade portuguesa — foi aprofundada por outros académicos: António Quadros, Afonso Botelho e António Braz Teixeira. E também de Urbano Tavares Rodrigues que — sem afinidades ideológicas com a Filosofia Portuguesa —, prefaciou e selecionou a antologia *A Saudade na Poesia Portuguesa*.

Mas no ensaio crítico *A Mitologia do Fado* — fortemente marcado por António Sérgio, pela sua pedagogia ética e pelo seu magistério cívico — António Osório apresentou as conotações negativas do Fado sempre que faz a apologia

do vício e do crime. Estes e outros académicos (com ou sem Amália) encontram — se registados pelo académico Luís Francisco Rebelo na *História do Teatro Português*.

A polémica desencadeada quando Amália resolveu cantar Camões provocou uma guerrilha de intelectuais. Assistiu-se à contestação veemente de José Gomes Ferreira e José Cardoso Pires; e à defesa calorosa dos poetas David Mourão-Ferreira e Alexandre O'Neill e, ainda, de Hernâni Cidade, a autoridade universitária, daquela época, em matéria camoniana. Surgiu, entretanto, o louvor de Amália por Augusto de Castro. Era, na época, o histórico diretor do *Diário de Notícias* e o mais antigo sócio efetivo da Academia das Ciências, admitido ainda nos últimos anos da Monarquia, quando também entraram Júlio Dantas, António Correia de Oliveira e Carlos Malheiro Dias. Decidiu Augusto de Castro intervir num editorial com o título *Cantar Camões*.

Constituiu uma surpresa para muitos que não conheciam a rebeldia pessoal e profissional que se ocultava, no jornalista que soube lidar, e em três ou quatro regimes tão contrastantes, com as imposições e as conveniências das sucessivas conjunturas políticas. Augusto de Castro considerou, então, que a obra de Camões não se poderia restringir aos estudos eruditos, repletos de notas de pé de página, às intervenções circunspetas das Academias.

O génio de Amália (*voz do mar e do vento, voz de um povo que é Portugal a andar pelo mundo*, nas palavras de Augusto de Castro), ao interpretar poemas e um soneto de Camões, estabelecia a aproximação direta com todos os públicos. E de tal modo que o próprio Camões, se fosse vivo, seria o primeiro a congratular-se com a expansão que Amália atribuiu à sua poesia. Foi o ponto final na controvérsia.

Poetas tão diversos, mas sócios efetivos, da Academia das Ciências, ganharam amplitude através da voz de Amália. Menciono, por exemplo, Manuel Alegre (*Trova do Vento Que Passa*), David Mourão-Ferreira (*Varina*), Teresa Rita Lopes (*Amor sem Casa*) e Vitorino Nemésio (*Décima de Sílvia e Silvana*).

Sem aludir, por motivos mais que óbvios, a ensaios e a artigos de jornal da minha autoria, cito outros académicos como Fernando Dacosta que enquadraram Amália na sociedade em que viveu e atuou recorrendo, com a garra do repórter, ao impacto dos testemunhos. Ou, então, Agustina Bessa-Luís que retratou Amália cruzando os demónios e os anjos que reaparecem nas sombras e claridades da *Sibila*, um dos seus primeiros livros e onde pôs tudo o que,

durante mais de meio século, repetiu, com as suas habituais digressões, através dos outros livros que publicou.

Referência obrigatória é a de Eduardo Lourenço. Tudo que escreveu sobre Amália está sistematizado por João Nuno Alçada na organização das Obras Completas. Para o livro de Jean-Jacques Lafaye *Amalia florilège* redigiu Eduardo Lourenço um prólogo que intitulou *Saudade, melancolia feliz*. No manuscrito, guardado no espólio na Biblioteca Nacional, acrescentou: “À memória de Teixeira de Pascoais”.

Julgo que será de recordar, ainda, que — no dia da morte de Amália — também Eduardo Lourenço declarou perentoriamente: “*Amália morreu no seu século. Não passou desfigurada para um tempo que não era o seu. Morreu sem sucessores*”. Caberá a outros estudiosos esclarecer se Amália ficou enclausurada no seu tempo ou se conseguiu alcançar projeção e continuidade no futuro.

Uma coisa, porém, é certa: Aquilino — que integra o património da Academia das Ciências - ao evocar Lisboa chamou — a “*cidade de Ulisses e de Amália*”. E já neste século, por uma daquelas coincidências que nos surpreendem e quando menos se espera, Amália e Aquilino, sem nunca terem falado um com o outro, ficaram na mesma sala do Panteão Nacional.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 13 DE OUTUBRO DE 2020

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 5 DE MAIO DE 2022